



GINÁSTICA PARA TODOS: UMA INSERÇÃO POSSÍVEL NA ESCOLA

Raniele Barbosa de Miranda¹⁰⁷

rani.miranda3@hotmail.com

Compreendendo a diversidade de conteúdos presentes na esfera pedagógica que compõe a Educação Física, pretendemos neste estudo trazer visibilidade a um trabalho bem sucedido no que diz respeito à Ginástica Para Todos (GPT) na escola. Como vivenciei por vários anos na escola, uma Educação Física que não fosse pautada em nenhuma metodologia, percebo ser relevante os estudos a esse respeito, pois até hoje, a Educação Física não conseguiu sua efetiva legitimação. Por ter presenciado por diversas vezes aulas “livres”, com materiais deixados na quadra (corda, bola de futebol e voleibol), com pouca ou nenhuma mediação, procuro incessantemente realizar e ressaltar um trabalho que contrapõe essa realidade, demonstrando que é possível fazer diferente. Nosso objetivo principal é compreender de que forma um professor de Educação Física da rede estadual de ensino do Estado de Goiás consegue incluir de forma eficaz a GPT na escola compreendendo os limites e possibilidades desse processo que tem como fim uma perspectiva formativa. Para alcançar o objetivo proposto realizaremos um estudo mesmo que superficial de autores referência no que se diz respeito à evolução da Educação Física escolar. Dentre eles temos: Darido (2003), Polito (2003), Gallardo (2016). No século XIX foi que ocorreu a inserção oficial da Educação Física na escola, por meio da reforma Couto Ferraz. Já em 1854 a ginástica passou a ser uma disciplina obrigatória no ensino primário, mas foi só em 1882 que Rui Barbosa recomendou que a ginástica fosse ofertada para ambos os sexos e que deveria ser oferecida para todas as escolas (DARIDO, 2003). A Educação Física na escola perpassa por um período higienista, onde os exercícios físicos eram para a promoção de hábitos saudáveis e higiênicos, reforçando uma concepção tradicional de ensino que segundo Mizukami (1986) entendia o indivíduo como um ser passivo, sem autonomia no processo de ensino, onde as formas de se ensinar os movimentos era reprodutivista e automatizada. No século XIX surgiram a Escola Inglesa, a Escola Alemã, a Escola Sueca Escola Francesa “a primeira preocupava-se mais com jogos e com os esportes e as três últimas foram responsáveis pelo surgimento dos principais métodos ginásticos” (POLITO, 1998, p.6). Os Métodos Ginásticos influenciaram e influenciam até hoje o cenário da ginástica no Brasil (POLITO, 1998). Porém, a Educação assim como a Educação Física passou por diversas mudanças no se refere a metodologias, a concepções de mundo, a visão de escola, de professor e de aluno. E isso refletiu na ginástica inserida na escola, pois de métodos técnicos, excludentes e seletivos perpassamos por outros tipos de perspectivas, inclusive no que diz respeito a nomenclatura. O primeiro encontro para discutir o que é Ginástica Geral foi em 1996, na Faculdade de Educação Física da Unicamp, e esse nome foi utilizado até a Federação Internacional de ginástica (FIG), em 2007, adotar o nome “Ginástica para Todos” (GALLARDO, *et al.* 2016). Não obstante depois de discussões e transformações sociais é possível perceber uma ginástica voltada para todos, sem fins competitivos onde cada um pode realizar movimentos dentro de suas limitações, promovendo a inclusão de quem antes não realizaria uma aula de ginástica. Por entender que o processo histórico da ginástica perpassa por transformações das concepções metodológicas, entendemos como primordial discorrer brevemente sobre elas, ao começar pela pedagogia tradicional, que tinha como papel principal o cuidado e a higienização do corpo, com um foco disciplinador, repressivo, onde a educação corporal era feita baseada

¹⁰⁷ Licenciada desde 2014 pela Universidade Estadual de Goiás- ESEFFEGO. Pós-Graduanda em Educação Física Escolar na mesma instituição de ensino.



no molde capitalista. A pedagogia tecnicista por sua vez aparece como sendo uma das mais importantes influências para o campo da Educação Física, nesse contexto a Educação Física era exclusivamente tida como prática, e a relação professor-aluno é de professor-treinador e aluno-atleta (SOARES et al., 1992). Percebemos que a perspectiva onde se inclui a GPT caminha na direção oposta à proposta tradicional/tecnicista, pois esta trabalha para além de um ser biológico, ela consegue englobar aspectos sociais, cognitivos afetivos e motores, com o objetivo de superar os enfrentamentos presentes na realidade contraditória da nossa sociedade. Nesse sentido, essa pesquisa é caracterizada por ser qualitativa baseada no ideário pedagógico materialista histórico dialético (SELL, 2009), sendo este um estudo de caso (GIL, 1999). Utilizamos de análise documental e entrevistas com uma professora da rede estadual de ensino de Goiânia e com a diretora da mesma escola, como fontes de evidência, sendo os dados analisados por meio da Triangulação (TRIVIÑOS, 1987). Trabalharemos nessa perspectiva, pois esse método nos possibilita uma compreensão ampla do objeto de estudo nos mais diversos aspectos, o embasamento no método dialético trará contribuições enriquecedoras as discussões no que se diz respeito à sociedade atual. Com relação às possibilidades tanto a docente como a gestão consegue perceber uma ampla forma de trabalhar com a GPT da escola, mesmo com o sucateamento estrutural e físico de nossa realidade escolar atual elas vêm possível a inserção desse conteúdo na escola, tanto que trouxemos esse caso para reafirmar que esse trabalho se faz possível independente do ambiente onde será trabalhado. Fica transparente que o professor compreende o verdadeiro papel da Educação Física, articula seu discurso de maneira coerente com a teoria, e tenta na medida do possível empenhar se em realizar uma prática voltada a perspectiva crítica, que é a que ele acredita. Assim percebemos que é possível se trabalhar no ambiente escolar embasado em uma teoria crítica, entendendo que a realidade social encontrada nesse ambiente, sempre será composta por contradições constantes que por sua vez não podem atrapalhar a execução de uma organização de um trabalho pedagógico, coerente e bem estruturado. A GPT na escola, sim é possível, foram elencados limites como que permeiam a prática pedagógica em Educação Física, mas ela não deteve as possibilidades existentes no trabalho com os elementos da Cultura Corporal, principalmente, nesse caso, da Ginástica para Todos. Para tanto, mesmo com os limites e possibilidades encontradas na prática escolar o desenvolvimento de um bom trabalho com GPT na escola se faz possível, possibilitando um ambiente prazeroso, dinâmico e atrativo aos alunos.

Palavras-chave: *Ginástica para todos; Limites; Possibilidades; prática pedagógica.*

Referências

- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e Reflexões**. Guanabara- RJ, Rio de Janeiro, 2003.
- GALLARDO, Jorge Sergio Pérez *et. al.* **A experiência da implantação da proposta multicultural (ginástica para todos com orientação pedagógica)**. *Conexões, Campinas-SP, v.14, ISSN 1983-9030*.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed- São Paulo: Atlas, 1999.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoleti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- POLITO, Beatriz Spina. **A ginástica Artística na escola: realidade ou possibilidade?** (trabalho de conclusão de curso) Faculdade de Educação Física- UNICAMP, 1998.
- SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009- (Coleção Sociologia)
- SOARES, Carmen Lucia et al.. **Metodologia do Ensino de Educação Física/** coletivo de autores. - São Paulo: Cortez, 1992.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.